



Preciso ter calma. Se eu me afobar vai ser pior. Os caras vieram aqui e me encheram de bala. Pensaram que eu estava morto e se mandaram. Ainda bem que é de noite. Acho que são umas sete e meia pra oito horas. Se fosse de dia eles veriam que eu estava vivo e podia ser que me atirassem de novo. Não sei quantos tiros foram. Uns quatro ou cinco.

Palhaços. Agora preciso ser forte. Ser macho. Tenho que continuar lúcido, pensando, o pensamento estimula o resto do meu corpo, me mantém vivo. Mais tarde alguém vai aparecer aqui. Um mendigo procurando lugar discreto onde se aliviar, um casal de namorados querendo um pedaço tranquilo de rua para uns amassos. Aí vou pedir socorro a eles.

Será uma surpresa. Estão aqui numa boa fazendo o que vieram fazer e de repente um homem todo ensanguentado pedindo socorro. Tenho que continuar consciente. Meu corpo dói todo. Cabeça estômago costas braço perna. Os ferimentos foram leves, caso contrário eu já estaria morto. Não vou morrer. Não desta vez. Alguém vai me socorrer me levar para um hospital aparece um médico me cura. A lucidez nessa altura do campeonato é tudo. Hoje é quarta-feira. Junho.

Está frio pra cacete. Na segunda-feira quando cheguei aqui às nove horas da manhã já estava muito frio. Por isso vim com meu paletó de lã, camiseta calça jeans tênis.

É a mesma roupa que uso agora. A que está encharcada



## JOAQUIM NOGUEIRA

de sangue. Fui com essa roupa pra Serra Negra fiz meu trabalho voltei hoje ela é a mesma só mudei a camiseta. Segunda-feira usava uma branca e hoje estou usando uma vermelha. Que agora está mais vermelha, devido ao sangue.

Tenho que me lembrar. Na segunda-feira bem cedo Oto me telefonou:

O chefe quer falar com você. Venha pro escritório.

Respondi que ia me arrumar tomar café pegar meu carro, assim que pudesse iria à empresa. Não, ele disse. O chefe quer ver você imediatamente. Venha logo. Oto. Grande filho da puta. Sempre fala dessa forma metida a besta. É muito analfã, por isso escolhe palavras sofisticadas. Imediatamente. Pensa que engana os demais. Minha mãe era analfabeta. Nunca frequentou escola. Mas falava tão bonito, ninguém se dava conta de que era ignorante.

Sempre penso nela. Não sei por quê. Ou talvez saiba e não queira admitir.

Oto acha que leva as pessoas pra grupo. A mim não tapeia. Ninguém me engana... Quer dizer, imagino que ninguém me engana. Também, já estou com 40 anos. E segunda-feira era meu aniversário. Quando Oto me telefonou dizendo venha logo pensei que fosse alguma coisa ligada ao meu aniversário. Ainda imaginei assim: Vá ver, eles descobriram que faço anos hoje, me chamam na firma pra uma surpresa.

Zezinho era bem capaz disso. Patrões têm desses macetes. Dar presentes a subordinados pra eles se sentirem importantes e assim mergulharem fundo no trabalho e produzirem mais.

Quando me avistei com Zezinho ele mencionou o nome da Lucila, gente boa, uma dona legal na opinião dele. É a minha opinião também. Nos conhecemos faz dois anos. Mais ou menos. Foi até de forma engraçada. Não. Engraçada não. Foi apenas estranha. Eu estava naquela tarde dentro da carceragem na cadeia de Caraguá ajudando o carcereiro Aurélio.

A gente tinha uma amizade forte, ele botava muita fé em





## HOMEM AO MAR

mim, acho que o único detento de quem o Aurélio gostava era eu. Por isso vivia me pedindo coisas. Era eu que ajudava a corrigir a lista de presos pra ver se nenhum tinha fugido de noite ou durante a última visita. Eu que ajudava a cumprir os alvarás de soltura, que dava uma força na hora de passar o rango pra dentro das celas. Uma tarde estava na carceragem quando a Lucila chegou.

No quartel em S. José dos Campos formávamos um pequeno grupo inseparável duro coeso. Iaco, Emerson e eu. Tínhamos a mesma idade, por isso o serviço militar nos pegou juntos ao mesmo tempo.

Depois de abandonar as fileiras fiz uma porção de coisas e morei em vários lugares. Por exemplo, em Taubaté com uma tal de Diana. Estive mesmo em uma marina entre Ubatuba e Caraguá fazendo biscates. Os dois amigos foram me visitar. Primeiro Emerson. Era uma manhã de sábado. Ou domingo ou dia santo. Merda. Não consigo pensar com clareza. É impossível ser preciso. Mas tenho de ficar lúcido. Tenho que lembrar.

Tânia. É filha do seu Guaciara, um dos homens do Zezinho, anotador de apostas do bicho na avenida Guapira. Quando a barra pesava ia para as proximidades do metrô. Ou então pra avenida Tucuruvi. Um dia entrou em cana. Estranho. Era escolado e experiente e entrou em cana.

Oto telefonou para o chalé onde eu trabalhava na época. Escuta essa, um dos nossos caiu. A gente nem sabe que distrito ele está. Põe o pé na estrada e quebra o galho. Telefonei pra várias delegacias até descobrir que Guaciara estava na 73. Aí liguei pra dois advogados. Um fazia audiência em Poá e outro dava expediente no escritório da avenida Casa Verde. Combinei um encontro com esse na porta da delegacia.

Acho que eram umas cinco horas da tarde.

Quando entrei no distrito vi uma coisa esquisita. Preocupante. No geral nossos homens... Não sei por que uso a





## JOAQUIM NOGUEIRA

expressão nossos homens. Não eram meus coisa nenhuma. Eram de Zezinho. Eu não passo de um empregado, embora de confiança, tomo conta dos chalés da zona oeste, faço os contatos com a polícia, acalmo os renitentes quando a barra pesa, cobro dívidas. Cheguei aqui na segunda-feira às nove horas em ponto. Fazia muito frio.

A fortaleza do Zezinho tem três andares e nenhum elevador. Ele acha que é mais seguro assim, se houver assalto ou batida policial dá tempo se fazer alguma coisa. Nem ele nem Oto jamais explicaram que coisas eram essas. Se atirar pela janela? Bem. Problema dele. A firma é dele. Por outro lado é voz corrente na organização que a cisma do chefe com elevadores se deve ao assalto sofrido pelo chalé da Cachoeirinha.

Cheguei aqui eram nove horas em ponto. Já disse isso a mim mesmo várias vezes. Tenho que ficar me repetindo feito um papagaio a fim de manter a cabeça funcionando.

Quando voltei pra casa eram 10 e meia, hoje moro no Condomínio Realeza, sei que eram 10 e meia porque fiquei parado numa fila de carros esperando vez para entrar na portaria, uma dona dentro de um Corsa muito pê da vida me perguntou as horas e eu olhei no celular pra informar a ela. De realeza mesmo não tem nada. Na portaria está tudo quebrado, estão fazendo uma reforma, vêm repetindo que fazem reformas há uma porrada de anos, até hoje não reformaram nada. Uma vez perguntei ao porteiro do conjunto, o Celestino: há quanto tempo esse pessoal aí está reformando a portaria?

Não sei, ele disse. Já me esqueci.

Nada parece dar certo no Realeza. Além da entrada toda quebrada as ruas estreitas têm muito buraco pedaços de tijolo e telha calça e lixo.

Aqui é asfalto. Do meu lado direito fica o tapume que acompanha a grande área comprada por uma construtora. Ela havia planejado dois prédios chegaram a cercar o terreno colocaram os tapumes e as placas anunciando o projeto,





## HOMEM AO MAR

e subitamente tudo parou. Consta que o projeto gorou. Do lado contrário fica o muro da fábrica de vassouras. Atrás de mim tem o córrego.

Penso essas coisas só pra continuar pensando. Na verdade não sei o que tem na minha esquerda ou atrás da minha cabeça ou na minha direita simplesmente porque não sei qual a posição do meu corpo. Estou deitado de costas. Não fosse por essa chuva idiota eu veria o céu. Também veria as janelas iluminadas da fábrica de vassouras. Fica na esquina perto da avenida onde tem a organização do bicho, que é uma fábrica também.

Fábrica de ganhar dinheiro fácil. Aqui está escuro pra diabo. Os pistoleiros escolheram o lugar ideal pra me acertar. Também colaborei, chegando na hora certa.

Hoje quando voltei à fortaleza era final de tarde já estava escuro. Tinha que falar com Zezinho e não queria deixar para amanhã. Na portaria seu Adão me pediu um favor, O controle elétrico do estacionamento está com problemas, vai no depósito e pega uma caixa de ferramentas. Pera aí que eu apanho a chave. Meteu-se pelo saguão do prédio voltou com a chave foi levar na janela do meu Vectra. Recuei pelo asfalto até a esquina manobrei desci o pedaço de rua até o córrego.

Até o depósito, foi o que tencionei dizer. Desci e comecei a abrir a porta. Demorei mais do que devia. Acho que estava cansado e tenso devido ao que aconteceu durante o dia. E nervoso porque tinha de abrir a porra de depósito debaixo daquela garoa. Ouvi o carro chegando por trás. Idiota. Burro. Eu fui mesmo idiota e burro. Ouvi o carro se aproximando, e nem estranhei... Nem pra me virar e olhar quem descia do carro.

Na segunda-feira Adão já estava na portaria da empresa. É um velhote educado e eficiente. Gosto muito dele. Venho poucas vezes à fortaleza, apesar disso eu e o velho porteiro fizemos uma amizade forte e íntima.





## JOAQUIM NOGUEIRA

Ele na portaria quando me viu acionou o portão do estacionamento com o controle elétrico. Ao entrar vi alguns carros. De empregados que tinham chegado antes de mim. Vi o automóvel de Oto, que naquele momento ainda não sabia que era o carro de Oto. Mais tarde na sala dele alguém falou sobre o carro. Nem lembro mais dos detalhes. Minha mãe era ótima. Não sei qual o motivo que me leva a pensar nela justo quando acabei de pensar em Oto.

Vá entender a cabeça de um homem ferido de noite caído numa rua escura e abandonada. Na verdade não gosto de pensar na minha mãe. E entretanto guardo boas recordações. De tarde a gente ficava sozinhos em casa e ela me pegava no colo e encostava minha cabeça em seus peitos e perguntava se eu estava gostando. Era tão quentinho ali. É claro que eu gostava. A cidade que a gente morava era Campinópolis. Foi lá que eu nasci, e ela também.

Que nome mais careta. É difícil imaginar o motivo pelo qual alguém batiza uma cidade com a palavra Campinópolis. Ou com o nome de Cordeirinho.

Agora, era uma cidade até que boazinha. Tinha uma praça no centro e meia dúzia de avenidas asfaltadas e umas 50 ruas de terra e aquele riozinho correndo do lado. Puta que la mierda. Era legal. Apesar do nome ridículo Campinópolis era uma cidade simpática. Às vezes eu sinto uma saudade funda. E talvez ache que era boa porque na infância e na juventude tudo parece bom e saudável.

Tânia. Era filha de Guaciara. Era não. É. Tinha 20 anos ou 21 na época que ele foi preso e agora tem 22. Procurei ela quando cheguei em São Paulo hoje por volta de uma hora da tarde... Idiota. Você não voltou pra cidade à uma hora da tarde. Chegou entre dez e 10 e meia. O negócio é que ainda passei no apartamento da Eliana e no prédio onde Lucila morava e depois é que fui pra casa no Realeza.

Devia ser aí por volta de uma hora quando cheguei no





## HOMEM AO MAR

condomínio. Tive que esperar numa pequena fila até conseguir passar pela portaria. Depois serpenteei com o Vectra por aquelas ruas estreitas tortas esburacadas carros estacionados dos dois lados.

Quando cheguei à minha casa desci e fui abrir o portão. Sobrados. Em cima e em baixo moram no geral famílias pobres ou classe média baixa. Ou gente solteira. Na frente tem vagas pra dois carros — uma para cada parte da casa. Enfiei meu carro no meu espaço, moro na parte inferior, fui abrir a porta pra entrar. Não vejo meu carro. Deveria estar onde eu deixei, do outro lado da rua. No lado contrário à porta do depósito.

Adão foi quem me pediu o favor. O controle elétrico do estacionamento pifou, pega uma caixa de ferramentas no depósito. Por favor. Pera aí que eu vou buscar a chave.

Enfiou-se pelo saguão do edifício, demorou, eu chateado, sentindo frio, fome e ansiedade. E se largasse meu carro na rua mesmo e entrasse no prédio? O velho porteiro podia pedir a outro funcionário para apanhar a caixa de ferramentas, não podia? Zezinho não gosta que o pessoal estacione na rua. Tem placas de proibição e ele exige que os empregados respeitem, um carro estacionado em local proibido sempre chama a atenção.

O grande chefe odeia atrair a curiosidade alheia. Odeia visitas — exceto naturalmente a visita de policiais juízes promotores advogados quando vêm receber o deles.

Adão entrou no prédio demorou voltou com a chave do depósito me entregou liguei o motor dei ré até a esquina desci até o barranco do córrego saltei pra abrir o cadeado. Estava nisso quando surgiram os bandidos e me encheram de tiro. O velho porteiro é boa gente. Na segunda-feira de manhã quando cheguei aqui às nove horas ele já estava de serviço. Nem precisei fazer sinal de que iria entrar. Foi ele me ver e já foi acionando o controle e abrindo o portão do estacionamento.





## JOAQUIM NOGUEIRA

Quando entrei reconheci o carro do chefe. É um Peugeot zerinho prateado com aquela placa personalizada ZEZ-2010. Ano que vem ele troca de carro compra outra placa ZEZ-2011.

Um dia talvez eu tenha também um carro zero quilômetro com placa personalizada. IAC-2010. Ou 2011. Quem sabe? Agora preciso continuar vivo. E ser esperto. Mais do que fui até agora. Estacionei ao lado do Peugeot. Ficou até chato meu Vectra empoeirado ao lado da máquina reluzente do chefe. Tranquei e voltei à portaria. Junto com Adão tinha um cara estranho. Pra mim, bem entendido. Vestido com aquele terno preto gravata preta os cabelos pretos lisos penteados com brilhantina.

Você tá rodando em falso, cara. Deixa de ser burro. Brilhantina não existe mais. O que existe agora é gel.

Bem, ele estava na portaria. Alto e mal-encarado e todo de preto como se fosse um personagem do cinema. Vi muitos filmes antes de entrar no quartel. E depois que saí de lá. Como recruta não podia ir ao cinema tinha que marchar e estar presente na alvorada às cinco e meia e no toque de recolher às dez horas. Lógico, havia as folgas das quartas-feiras e dos fins de semana. Que eu e a minha curriola preferíamos aproveitar na praça central de S. José paquerando as meninas.

Ou então indo pra zona mesmo. Proibido pelo regulamento do exército, por isso era mais gostoso. No prédio do Zezinho eu já entrava na portaria aquele indivíduo alto corpulento mal-encarado todo de preto embargou meus passos.

Essa é boa. Embargou. Apreendi com meu amigo Iaco. Ele gostava de palavras bonitas. Mas nele ficava bem, ao contrário do que acontece com Oto. Na boca de Oto tudo parece vesgo e mal-arrumado. O cara todo é falso. O tipo que veio da merda e se acha muito bom porque tem um empreguinho de merda de onde ele pode dar ordens em meia dúzia de merdas. O cara me embargou os passos. Tá armado?, me perguntou.

